

Verdade

Richard M. Rosenfeld

Não seria bom saber que uma pesquisa é realmente verdadeira? Lamentavelmente, nem sempre é esse o caso, o que deve exigir um pouco de ceticismo cauteloso ao folhear os periódicos médicos. Algumas sugestões para separar fatos da ficção seguem na carta abaixo.

Carta ao Editor

Tendo devidamente lido os artigos médicos mais recentes por muitos e muitos anos, quanto mais leio, mais cética me torno. O cinismo tornou-se um modo de vida, levando-me a questionar porque me preocupo em ler artigos de periódicos e afins.

Separar a verdade do pensamento ilusório é cada vez mais árduo, pois cada estudo afirma com ousadia ir aonde nenhum autor chegou, descobrindo a sabedoria clandestina perdida pelos predecessores. Infelizmente, é raro a pesquisa produzir verdades duradouras, em vez disso, proporciona uma fantasia fugaz com uma enxurrada de alegações grandiosas logo esquecidas.

O que, então, devo concluir quando um único estudo reivindica uma nova sabedoria? Não tenho nada contra investigadores entusiastas com crenças inabaláveis, mas isso não pode substituir o pensamento racional, a metodologia válida e o relato transparente. Além de possuir uma bola de cristal, existe alguma maneira de saber se alguém alardeando um novo teste, dispositivo ou terapia é um tolo ou um profeta?

Quantos artigos publicados há 20 anos, ou mesmo 10, permanecem relevantes, perspicazes e altamente citados até hoje? Desconfio de alguns poucos, o que imediatamente põe em dúvida a verdade dos artigos atualmente publicados. Antes de eu desistir completamente de continuar com esta leitura, por favor, ajude-me a recuperar algum otimismo em descobrir a verdade real e duradoura.

Sinceramente,

Dra. Debra Determinada
Sempre Esperançosa, USA

Resposta do Editor

Leitores de periódicos médicos buscam a verdade no que é publicado, esperando usar com confiança novas informações para melhor diagnosticar, gerenciar ou aconselhar os pacientes. Cumprir consistentemente essa façanha seria fácil se cada artigo oferecesse verdades, definidas com afirmações “estar de acordo com o fato ou a realidade”.¹ O problema, articulado por nossa leitora acima, é que muitas idéias apresentadas como “verdades” acabam se tornando falsas ou fugazes.

Um modo um tanto deprimente é começar reconhecendo que a verdade é muitas vezes inalcançável: “Ao buscar a verdade absoluta, buscamos o inatingível”, advertiu Sir William Osler, “e devemos nos contentar em encontrar fragmentos [ênfase acrescentada]”². Podemos nos sentir com direito à verdade e assumir que, simplesmente procurando longa e duramente, com certeza ela virá no nosso caminho. Na ciência, no entanto, buscamos a verdade em fragmentos chamados estudos de pesquisa que, como peças de um grande quebra-cabeça, podem confundir ou desorientar quando vistos isoladamente.

Então, o que podemos aprender lendo um único estudo médico? Cada um nos traz (esperançosamente) um pouco mais perto da verdade – ver o quebra-cabeça completamente montado – mas raramente são definitivos, quando isolados. Os estudos surgem a partir de investigadores específicos, analisando uma única amostra (frequentemente pequena) de sujeitos, em circunstâncias rigorosamente definidas, com uma única série de medições analisadas apenas uma vez. Essas restrições diminuem nossa confiança nos resultados de estudos individuais e sua generalização, às vezes, a ponto de torná-los inúteis. Outros estudos são ainda mais divorciados da verdade devido às tentativas de extrapolar os resultados de laboratório ou experiências com animais para os humanos, muitas vezes com grande licença poética.

Cada novo estudo oferece um vislumbre da verdade, às vezes nos apontando na direção certa, às vezes levando a um beco sem saída, e muitas vezes levando a lugar nenhum ou mesmo para trás. Com alguma sorte, seguimos firme pelo caminho certo, contentando-nos com os fragmentos da verdade de Osler, ao longo do caminho. O antídoto, portanto, de ser enganado, ofendido ou seduzido pelo estudo mais recente é vê-lo apenas como: um elo de uma cadeia de conhecimento em evolução cuja veracidade é julgada pela integridade e consistência dos elos como um todo, não só pela mais nova adição.

A arte e a ciência de reunir fragmentos da verdade podem ser chamadas de “revisão sistemática”. Light e Pillemer, que foram pioneiros na revisão sistemática nas ciências sociais, discutiram como “revisões podem melhorar nossa compreensão de questões complexas – eles também ressaltam o mito do estudo único e decisivo [ênfase adicionada]. É sedutor pensar que, apesar de dezenas de pesquisas anteriores com resultados díspares, apenas um novo estudo “realmente bom” resolveria a questão.”³ Além disso, “Para que a ciência seja cumulativa, um passo intermediário entre pesquisa passada e futura é necessário: a síntese das provas existentes.”³

Aprendemos até agora que a verdade é elusiva, muitas vezes inatingível, e aparece em fragmentos chamados artigos de periódicos, que requerem compilação cuidadosa e escrutínio, como um corpo de evidências, não como estudos únicos, para vislumbrar qualquer verdade que tenha sido descoberta. Ao considerar os méritos de um único estudo, portanto, precisamos determinar em quais das seguintes categorias ele se ajusta mais facilmente:

1. *O estudo explosivo.* Um estudo incrivelmente novo, inesperado e que chama atenção, que relata uma nova condição dramática, associação ou efeito no tratamento. As chances são esmagadoras, no entanto, de que este não é o caso, uma vez que são raros. O tempo testará rapidamente a resistência do entusiasmo inicial.

2. *O estudo verdadeiro*, porém chato. Isso provavelmente inclui muito do que aparece em revistas médicas de alto nível, refletindo pesquisas clínicas de alta qualidade mostrando benefícios modestos (ou danos) de terapia, ou possivelmente sem benefício algum. A escrita é clara, concisa e humilde, colocando as descobertas atuais em perspectiva com os trabalhos anteriores. A menos que descreva uma doença ou intervenção “quente”, no entanto, a mídia tem pouco interesse, já que é difícil reunir entusiasmo por resultados modestos e entediantes, mesmo que verdadeiros. No entanto, este estudo é talvez o melhor “fragmento” de todos, logo encontrando o seu lugar de direito em uma revisão sistemática que defina os resultados com maior precisão, ou lance nova luz sobre fatores prognósticos.
3. *O estudo promissor*. Um novo estudo com resultados atraentes, porém sendo uma pesquisa inédita todas as apostas estão desativadas, já que pode representar um resultado de acaso, descobertas únicas que se aplicam apenas aos pacientes específicos estudados, ou algo alcançável apenas pelos pesquisadores sob circunstâncias muito controladas que não podem ser facilmente repetidas. O ceticismo é a regra se não existirem estudos relacionados para corroborar os achados.
4. *O estudo aparentemente verdadeiro*. Este começa como um “estudo promissor”, mas o brilho logo desaparece à medida que falhas e falácias aparecem. Muitas vezes, a excitação inicial está relacionada às novas tecnologias ou a uma engenhoca futurista que promete alegações de segurança e eficácia além dos métodos tediosos e antiquados. Alternativamente, os autores atingem tópicos quentes adorados pela imprensa, com a conseqüente blitz da mídia criando uma aura transitória de interesse e importância, pelo menos até ser refutada pelo próximo estudo aparentemente verdadeiro.
5. *O estudo do pensamento desejoso*. Aqui os resultados são obviamente de significância trivial ou nenhum, mas os pesquisadores se esforçam para enfatizar como os achados obtidos ou as “tendências” descobertas (que, é claro, não são estatisticamente significantes) são realmente, realmente importantes. Pode-se questionar se este estudo deveria ter sido publicado, porque de fato não acrescenta nada ao conhecimento existente ou facilita a investigação. Salve sua energia intelectual para artigos que realmente valem a pena ler.

Embora seja divertido classificar os estudos como acabamos de sugerir, a melhor abordagem provavelmente considerará todas as conclusões baseadas em estudos isolados na melhor das hipóteses “aparentemente verdadeiros”, até que se prove o contrário. Julgar a verdade, ou a tolice, das conclusões da pesquisa é geralmente impossível sem a perspectiva adquirida à medida que um conjunto de evidências se acumula. A melhor maneira de se obter perspectiva é por meio de uma revisão sistemática, em que todas as evidências que tratam de uma questão de pesquisa específica são identificadas, avaliadas e combinadas com um protocolo estabelecido a priori, para reduzir o viés. Mesmo quando a evidência é puramente descritiva, uma revisão sistemática é a melhor maneira de obter uma visão geral da qualidade, quantidade e consistência do que é conhecido.

Um testemunho da importância das revisões sistemáticas como um barômetro da verdade é sua proeminência nos níveis atualizados de evidências do Oxford Center para Medicina Baseada em Evidências.⁴ As versões anteriores desse programa listaram ensaios controlados randomizados (ECRs) como o auge da evidência do benefício do tratamento, mas a classificação revisada os coloca um nível abaixo de uma revisão sistemática dos ECRs. Revisões sistemáticas são consideradas melhores para avaliar a força da evidência do que estudos isolados, com apenas uma exceção: questões de prevalência local, onde as pesquisas locais atualizadas são as ideais.

Uma revisão da pesquisa não pode eliminar preconceitos e distorções, mas pelo menos os coloca em um foco mais claro, destacando tendências, consistências e atipicidades. Os seres humanos e os investigadores do estudo são otimistas, o que pode ter sérias implicações para os resultados de um único estudo: os pesquisadores tendem a superestimar os benefícios do tratamento, especialmente quando os resultados são inconclusivos, produzindo um viés de otimismo ou uma crença injustificada na eficácia de novas terapias.⁵ Além disso, o julgamento humano é distorcido por muitos preconceitos cognitivos, perceptuais e motivacionais; a maioria das pessoas tende a reconhecer – e superestimar – esses vieses, exceto quando esse preconceito é o deles.⁶ Vendo a si mesmo em uma luz positiva perpétua, mesmo quando a evidência sugere o contrário, poderia facilmente distorcer o relato dos resultados da pesquisa.

O leitor mais experiente de artigos de periódicos estaria bem servido para lembrar que a sabedoria de hoje é muitas vezes a loucura do amanhã, especialmente quando baseada em um único estudo. Galileu concluiu que “todas as verdades são fáceis de entender uma vez que são descobertas; a questão é descobri-las”.⁷ A descoberta é lenta, árdua e cumulativa; os resultados de um único estudo são um ponto de partida, mas raramente um destino, exceto pelo extraordinariamente raro estudo explosivo com efeitos dramáticos e generalizáveis. Talvez a melhor abordagem seja o otimismo cauteloso, atendendo ao astuto conselho de William Safire: “Nunca assuma que o óbvio é verdadeiro”⁸

Richard M. Rosenfeld. Verdade. Otorinolaringologista – Cirurgia Cabeça e Pescoço. Dec 2012;147(6):983-5. Reproduzido com a permissão da SAGE Publications, Inc.

Referências

1. Merriam Webster Dictionary. Truth. www.merriam-webster.com/dictionary/truth. Accessed September 19, 2012.
2. Osler W. Aequanimitas With Other Addresses to Medical Students, Nurses, and Practitioners of Medicine. Philadelphia, PA: P Blakiston's Son & Co, 1904.
3. Light RJ, Pillemer DB. Summing up: The Science of Reviewing Research. Cambridge, MA: Harvard University Press; 1984.
4. Howick J, Chalmers I, Glasziou P, et al. The 2011 Oxford CEBM evidence levels of evidence (introductory document). Oxford Centre for Evidence-Based Medicine. <http://www.cebm.net/index.asp?o=5653>. Accessed October 2, 2012.

5. Djulbegovic B, Kumar A, Schroen AT, et al. Optimism bias leads to inconclusive results: an empirical study. *J Clin Epidemiol.* 2011;64:583-593.
6. Pronin E. Perception and misperception of bias in human judgment. *Trends Cogn Sci.* 2006;11:37-43.
7. Thinkexist.com. Galileo Galilei quotes. <http://thinkexist.com>. Accessed September 19, 2012.
8. Thinkexist.com. William Safire quotes. <http://thinkexist.com>. Accessed September 19, 2012.